

# CICILIA PERUZZO E AS TENDÊNCIAS PARA A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA NO BRASIL

*CICILIA PERUZZO AND TRENDS FOR  
POPULAR AND ALTERNATIVE  
COMMUNICATION RESEARCH  
IN BRAZIL*

A professora doutora Cicilia Maria Krohling Peruzzo é um dos nomes de destaque na pesquisa brasileira e latinoamericana voltada para comunicação comunitária, local, alternativa e nos movimentos sociais. É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutora pela *Universidad Nacional Autónoma de México*. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1999 a 2002, e coordenadora do GT Comunicação e Culturas Populares da mesma entidade. Também foi vice-presidente da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação entre 2001-2003 (LUSOCOM). Foi coordenadora do Grupo de Trabalho Comunicación Popular, *Comunitária y Ciudadanía* da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC) e do GT Comunicação e Cidadania da Associação Brasileira de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Coordena a Comunidade Emergente de Investigação que estuda a Comunicação Comunitária e Local (COMUNI) e o Grupo de Pesquisa Comunicação, Responsabilidade Social e Cidadania (Abrapcorp). É autora dos livros “Relações Públicas no modo de produção capitalista”, “Comunicação nos Movimentos Populares” e “Televisão Comunitária” além de organizadora de algumas coletâneas. Possui artigos publicados em diversas revistas científicas nacionais e internacionais. É bolsista por produtividade em pesquisa (PQ 1C) do CNPQ e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

Para a Revista Uninter de Comunicação (RUC), a professora Cicilia fala um pouco sobre a pesquisa em comunicação no Brasil, as publicações científicas e as tendências que vislumbra para a área.

Nívea Bona

[bonanivea@gmail.com](mailto:bonanivea@gmail.com)

Doutora em Comunicação pela  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Guilherme Carvalho

[guilhermegdecarvalho@gmail.com](mailto:guilhermegdecarvalho@gmail.com)

Doutor em Sociologia e professor do  
Centro Universitário Internacional

**Pergunta:** Professora, com as recentes mudanças nas diretrizes curriculares nos cursos de Jornalismo e de Relações Públicas é possível apostar em uma tendência de autonomização das áreas de conhecimento em comunicação? Quais seriam as vantagens e desvantagens desses processos, na sua opinião?

**Resposta:** Creio que mudanças nas diretrizes curriculares dos cursos do campo da Comunicação não alteram muito o quadro do exercício profissional nas áreas de Relações Públicas e Jornalismo. A formação acadêmica universitária uma vez voltada ao ensino profissionalizante, diante de um quadro cada vez mais reduzido de oferta empregos formais, tende apenas a apontar alternativas na linha do empreendedorismo a seus estudantes, aliás, ávidos por ocupar postos de trabalho. Desse modo, acabam reforçando a tendência à autonomização do trabalho que já estava em curso na sociedade brasileira como um todo. Haja vista a economia informal que há bastante tempo ocupa um importante espaço na geração de trabalho e renda. De fato, o que existe é um certo rearranjo do sistema capitalista que procura reduzir os investimentos e minimizar os custos dos processos de produção de mercadorias e de serviços. Interessa ao capital livrar-se de encargos trabalhistas e de grandes investimentos em unidades produtivas, além de reduzir os encargos com gestão de pessoal e com o próprio processo produtivo. Assim sendo, vantagens e desvantagens são desafiantes. Uma não vêm sem a outra. Se, para a pessoa, há a vantagem da autonomia capaz de fortalecer o próprio sistema criativo e livrá-la da submissão direta a ambientes de trabalho formais, em geral bastante fechados e intolerantes, por outro lado, perde-se a garantia do amparo das leis trabalhistas e de certa estabilidade de renda e de trabalho.

Contudo, seria salutar que os cursos de Comunicação atentassem para a premência em se manter uma visão holística da formação acadêmica e conseqüentemente da realidade. Tanto uma formação que enfatize apenas a fragmentação da atividade profissional quanto as práticas profissionais quando se direcionam a apenas algumas das dimensões operativas de uma empresa ou outra instituição pública ou privada podem gerar um esmaecimento da visão holística da realidade.

**Em relação aos resultados das pesquisas feitas nos programas de pós-graduação das universidades e nos grupos de pesquisa, e a exemplo do Encontro Anual do Comuni, em que resultados de pesquisas e projetos práticos são apresentados, qual sua ponderação sobre a democratização da ciência no Brasil, especificamente na área da Comunicação? Quais os principais desafios que devem ser enfrentados na atualidade?**

Sempre foi e sempre será importante que a pesquisa realizada por professores e alunos nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação sejam relevantes para a sociedade. Não bastam estudos e análises de temas novos e interessantes, mas a geração de conhecimento que possa contribuir de alguma forma para o avanço da área de conhecimento e com a sociedade. Nesse sentido, a divulgação dos resultados da pesquisa científica é de suma importância para que possam ser apropriados por aqueles que foram investigados e pelo conjunto da sociedade. Há inúmeras formas de fazê-lo. A área da Comunicação é privilegiada no domínio de meios, linguagens e suportes para a divulgação da ciência e, como tal, poderia avançar democratizando o saber advindo da pesquisa

científica. O desafio talvez seja justamente ir além da disponibilização da tese nas bibliotecas e na internet. A apresentação de resultados da pesquisa por meio da apresentação de *papers* em congressos, a “devolução” de resultados a grupos de pesquisa, a publicação de livros e de artigos em revistas científicas complementam bem o esforço de democratização da ciência. Porém, ainda continua sendo um tipo de democratização “entre pares”, entre gente do meio acadêmico. O desafio é extrapolar esse ambiente e levar o conhecimento científico produzido à sociedade como um todo, aos grupos que serviram de unidades de observação, a todos os segmentos que podem ter na pesquisa pistas para a melhoria de suas práticas, ou seja, um conhecimento transmitido de forma inteligível para que possa ser apropriado e aplicado para solucionar problemas práticos. Outro desafio é reconhecer a via de mão dupla na produção/divulgação do conhecimento. É nessa perspectiva que o Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Cidadania (Comuni), além de participar dos canais convencionais (Congressos, coletâneas, revistas etc.), realiza um encontro anual no qual os pós-graduandos (e também os já formados) que terminam suas pesquisas “devolvem” os resultados ao grupo, à universidade e à “comunidade”. São apresentadas sínteses de dissertações, teses e monografias, mas também são convidados a partilhar suas experiências, no mesmo espaço universitário, alguns grupos comunitários e representantes de movimentos populares. É um momento de troca de conhecimento. Os universitários se abrem a novos saberes – da prática social – e os grupos comunitários têm a oportunidade de ouvir e saber o que está se pesquisando na universidade. É algo muito modesto, mas tem se revelado uma experiência gratificante para aqueles que participam.

Na comparação do número de revistas científicas da área da Comunicação que possuem alta qualificação com o número de revistas e publicações de outras áreas do conhecimento também com alta qualificação, as da área da comunicação ainda são visivelmente menos numerosas. O que, em sua opinião, precisa mudar para que tenhamos revistas mais qualificadas?

As revistas científicas se qualificam por seus conteúdos e por seus processos formais e editoriais. Em outros termos, há que se conjugar artigos de qualidade, respeito a regras básicas formais que normatizam o periódico científico e instituir boas práticas de padrão internacional de ética em pesquisa que envolvem as relações entre instituição responsável-editor-comitê editorial-conselho editorial-autor/a.

Editar um periódico científico é um ofício que se aprende de forma lenta. A troca constante de editores pode ser um equívoco das instituições. Estes, às vezes, recebem a edição de um periódico como um encargo, sem alívio de outras funções, o que acaba gerando uma expectativa de transitoriedade. Enfim, a falta de apoio operacional e de investimento financeiro são entraves que atrapalham o desenvolvimento dos periódicos.

Ainda em relação às pesquisas desenvolvidas no Brasil e na América Latina, é possível afirmarmos que existem “ondas temáticas” ou mesmo “modismos” na pesquisa em comunicação? Se assim for, quais temas lhe parecem em alta nos últimos anos?

Sim, essa tendência a adesão a temas da atualidade parece ser algo bem característico do campo da Comunicação. Faz um certo sen-

tido, pois as tendências decorrem de certas mudanças na sociedade, como a tecnológica, por exemplo, que motivam os estudos acadêmicos para dissertações e teses, além de pesquisas de professores de programas de pós-graduação. A Comunicação é um campo sujeito à transformação veloz e contínua. Nos anos recentes verificou-se uma forte tendência da pesquisa relacionada às tecnologias de informação e comunicação. O tema da cibercultura (alguns preferem dizer *cyber*-cultura), por exemplo, ganhou espaços crescentes em GTs de congressos, nos temários de eventos, cursos de graduação e de pós-graduação e até uma associação de pesquisadores. Porém, algo que vinha sendo taxado de ultrapassado voltou a ser atual: a comunicação comunitária e alternativa, e o jornalismo alternativo e independente. O boom das rádios comunitárias desde os anos 1990 e a efervescência da participação em mídias e redes sociais online contribuíram para esse fenômeno.

Revisitando os conceitos mais atuais de comunicação comunitária, popular e alternativa, em que medida as tecnologias de informação e comunicação alteram as práticas observadas em suas pesquisas?

As práticas de comunicação popular, comunitária e alternativa ao mesmo tempo em que se alteram também se mantêm dependendo do tipo de realidade em questão. Há rincões desse Brasil em que o alto-falante às vezes é o único meio de comunicação passível de ser empoderado por segmentos locais da população. A comunicação dialógica grupal ainda é uma das formas mais eficazes para relacionamento e instituição de processos de mobilização-conscientização-organização-ação no Sertão da Paraíba. Ao mesmo tempo, a internet tem facilitado a visibilidade pública e

a mobilização de movimentos sociais populares de norte a sul do país. As práticas do fazer comunicacional se alteraram bastante com a presença das tecnologias de informação e comunicação. Menciono um exemplo: a rádio comunitária. Mesmo mantendo sua transmissão tradicional por ondas eletromagnéticas e falando para uma população local, a rádio comunitária, seja na capital de São Paulo ou do Sertão do Piauí, hoje em dia está na internet. Possui seu site que permite o acompanhamento da programação online em tempo real – e se comunica com seus ouvintes – nem todos, claro – por e-mails, telefone e mídias e redes sociais online. Ampliou-se os canais de acesso à emissora por parte dos ouvintes e, ao mesmo tempo, possibilitou um maior *feedback* aos radialistas e gestores comunitários desse tipo de canal de comunicação.

Quando falamos em comunicação comunitária, popular ou alternativa, podemos observar uma produção que pode ser chamada de amadora – como não profissionalizada – possibilitada pela internet. Quais as benesses e problemas desta forma de comunicação, uma vez que outros pesquisadores como Dominique Wolton, por exemplo, fazem uma leitura cética sobre a democratização da comunicação quando em redes, observando o acirramento de posições extremas e uma falta de diálogo entre os grupos. Por favor, comente.

Nem toda comunicação “amadora” que a internet possibilita faz jus ao que se concebe como comunicação popular, comunitária e alternativa. Esta última, mesmo sendo às vezes amadora, para usar um termo seu, está carregada de sentido coletivo das organizações ou coletivos que a inspiram e sustentam. Tem propósitos e conjugam atividades pre-

senciais e participações virtuais. Conjugam ainda uma dimensão mobilizadora e outra institucional de comunicação. Me parece que a crítica de alguns autores, mais precisamente a “leitura cética sobre a democratização da comunicação em redes” numa era em que um grande contingente de pessoas pode participar, pode se manifestar sem qualquer forma de controle, diz respeito a um tipo de comunicação independente, a que eu não nomearia de alternativa. Para mim, a mídia alternativa tem um histórico e um propósito coletivo, tem uma linha de continuidade e de responsabilidade pública. A outra forma de manifestação “amadora” tem um caráter mais individualista embora às vezes se constituam grupos e redes.

Então, concordo com visões que atestam o caráter efêmero e extremo de pessoas e grupos que em nada contribuem para o diálogo, ao contrário acirram a discórdia e a intolerância. São posições que agora vem à tona porque há canais de expressão, mas que sempre existiram. No meio de tudo isso, há também visões e interesse de classe que se expressam de uma forma ou de outra segundo os vestígios ideológicos e políticos impregnados na consciência.

Os conceitos de movimento social, novos movimentos sociais e os “novíssimos” movimentos sociais, tendo em vista o uso de tecnologias de comunicação possuem diferentes abordagens dependendo das linhas teóricas e principalmente do território geográfico onde os estudos se dão. Como a senhora entende esses conceitos em relação, principalmente aos que se utilizam da internet para se organizar e são considerados por muitos autores os novíssimos movimentos? É possível traçar essa diferenciação? Por quê?

Não gosto muito de etiquetas para classificar ou falar de movimentos sociais. Do meu ponto de vista, etiquetas não dizem quase nada, apenas nomeiam e podem perder a validade rapidamente. O que importa mesmo é entender os processos e as configurações dos movimentos sociais no seu tempo e espaço. Mas, chamar de “novíssimos movimentos” os que utilizam da internet para se organizar e mobilizar é um modo válido de nomear e diferenciar.

Contudo, é oportuno investigar mais a fundo sobre as configurações e práticas dos movimentos sociais na atualidade. Talvez seja prudente não confundir movimento social com manifestação social. Enquanto esta última pode resultar de uma mobilização na internet e ser efêmera, o movimento social pressupõe certas formas de organização e de existência em que podem coexistir ações e relacionamentos presenciais e online. Porém, manifestações públicas no espaço urbano que são desencadeadas às vezes por relacionamentos na internet, a partir de mídias e redes online, podem provocar outras formas de organização presenciais e se tornarem movimentos sociais. É o caso do *15-M* na Espanha. Nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, por exemplo, há que se considerar a importância das mídias e redes virtuais (*Facebook*, *Twitter* etc) na mobilização para os protestos - facilita o debate e a articulação de ações conjugadas -, mas estava nítida a presença de redes de movimentos sociais presenciais que existem antes das manifestações, como o Movimento Passe Livre (MPL).

Em vista das atuais movimentações políticas no cenário brasileiro, levando em conta a posição atual em que se encontra o partido que historicamente esteve ao lado dos movimentos sociais, como avaliar a

comunicação que está sendo produzida pelos movimentos atualmente? Eles ainda são reféns de uma criminalização realizada pela mídia hegemônica ou há alternativas que estão sendo apresentadas à sociedade?

Continuam, eu diria, não propriamente reféns da mídia convencional, mas ainda sofrendo discriminação e criminalização por parte das mídias convencionais, em vários sentidos. Movimentos e pessoas que são a razão de ser de alguns deles, são atingidos por visões preconceituosas e por posições classistas que ferem direitos humanos e de cidadania. Visões e posições que perpassam os grandes meios de comunicação, mas que afloram também no Parlamento e nas mídias e redes sociais virtuais. Basta prestar atenção em como são comentados fatos relativos ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos, movimentos de mulheres, movimentos LGBTTT, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra etc.

Paralelamente, os movimentos sociais populares têm avançado na produção de formas e na criação de canais próprios de comunicação para ampliar os meios de expressão. Incorporam, inclusive, de forma crescente a internet para falar de si a partir do próprio discurso e visão de mundo. Porém, trata-se de algo que varia em conformidade com o tipo de organização e as estratégias traçadas ao longo do tempo. Uma das primeiras preocupações de qualquer movimento hoje é criar um site ou um blog para dizer que existe e dar visibilidade às suas atividades. Porém, nem sempre esse tipo de espaço recebe a devida atenção do ponto de vista da interatividade que potencializa. Também há uma preocupação constante em se comunicar por meio das mídias e redes sociais virtuais. As organizações sem fins

lucrativos mais expressivas já profissionalizam essas práticas e treinam os membros de movimentos sociais para o uso competente desses canais de relacionamento. Redes de *WhatsApp* são cada vez mais comuns entre participantes de movimentos sociais populares e sindicais.